

ARQUITETURA E POESIA: REPENSANDO VALORES ARQUITETÔNICOS

ARCHITECTURE AND POETRY: RETHINKING ARCHITECTURAL VALUES

BITTENCOURT, LEONARDO SALAZAR

Arquiteto, PhD. FAUD/UFAL, e-mail: lsb54@hotmail.com

RESUMO

Discussões sobre a aplicação de tecnologias inovadoras no ambiente construído parecem estar ofuscando valores arquitetônicos subjetivos que, embora bastante apreciados pelos usuários dos edifícios contemporâneos, vem sendo relegadas a um segundo plano na mídia especializada em arquitetura e urbanismo. Tecnologias focadas nas questões ambientais, com reflexos nas formas de medir o grau de eficiência energética ou de sustentabilidade dessas edificações têm dominado a produção arquitetônica contemporânea. Entretanto, a discussão sobre questões de natureza subjetiva e imaterial se apresenta como fundamental se se pretende que a produção arquitetônica alcance uma integral satisfação dos usuários das edificações atualmente produzidas. Entre essas questões está a poética arquitetônica, que se apresenta como fundamental para o espírito humano e que deveria, juntamente com as demais condicionantes arquitetônicas (funcionalidade, tecnologia estrutural construtiva, tecnologia ambiental, legislação, custos de construção e custos de manutenção etc.) condicionar a elaboração de novos projetos. A importância da integração dessas questões ao processo de elaboração dos projetos arquitetônicos, assim como ao ensino de arquitetura e urbanismo, é examinada à luz das reflexões de Bachelard e Freud sobre o imaginário e o simbólico, associados aos diferentes efeitos poéticos produzidos por diferentes formas.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura e urbanismo; projeto de arquitetura; teoria da arquitetura; poesia.

ABSTRACT

Discussions on the application of new environmental building technologies have been overtaking the space of specialised publications dedicated to architecture and urbanism. Discussions on subjective architectural values, though very well considered and appreciated by building users, have been pushed to a secondary place. New technologies focused on new materials or on buildings environmental impacts and ways of evaluating its performance dominates most publications. Nevertheless, subjective issues should be considered as fundamental design constraints if contemporary architectural production aims to generate not only a physical satisfaction, but an overall user satisfaction. Among these subjective issues one can find the architectural poetics, which seems to be a fundamental aspect of the human soul. As so, it should be considered as important as others architectural constraints (functionality, structural technology, environmental technology, legislation, construction costs and maintenance costs etc.). The relevance of incorporating these issues into the design process as well into the architectural education is discussed, based on Bachelard and Freud concerns referring to the imaginary and symbolic aspects on the design process.

KEY-WORDS: architecture and urbanism; building design; theory of architecture; poetry.

1 INTRODUÇÃO

Muitos dos projetos contemporâneos, publicados em revistas especializadas na área de arquitetura e urbanismo, tem se destacado pelas sofisticadas tecnologias empregadas, pela monumentalidade exibida ou pela preocupação em relação à sustentabilidade do ambiente construído. As questões pragmáticas ou inovadoras parecem estar sufocando valores subjetivos, tão apreciados pelos usuários dos espaços arquitetônicos. Vigora uma arquitetura narcísica, construída para proporcionar espetáculos, em detrimento de concepções que visem uma maior satisfação das necessidades humanas. Considerando que os edifícios são construídos para abrigar uma grande parte das atividades humanas, pode-se ponderar que a Arquitetura é um tipo de arte funcional. Objetos de *design*, as obras arquitetônicas, além

de funcionar adequadamente, deveriam, também, emocionar seus observadores e usuários. No entanto, a pressa e a superficialidade que tem caracterizado a produção contemporânea, especialmente naqueles setores associados ao mercado imobiliário, inibem maiores reflexões sobre a importância de se refletir sobre a poética dos espaços arquitetônicos (Figuras 01 e 02).

A poesia pode ser entendida como uma expressão simbólica, através da qual uma das maiores das características humanas é explorada: a imaginação. A poesia envolve os efeitos arquitetônicos que surpreendem e emocionam, e que deveriam estar atrelados ao caráter da obra. Assim, uma igreja que usualmente se constitui em espaço de meditação e introspecção, não deve parecer um

Figura 01. Manhattan, USA.



Fonte: AUTOR, 1984

clube, cuja função principal é reunir as pessoas num local dinâmico que favoreça o encontro e a extroversão. Portanto, as configurações plásticas e espaciais de uma obra se constituem em valores arquitetônicos que dependem do conceito do edifício a ser projetado. Neste contexto, as reflexões aqui apresentadas estão apoiadas, principalmente, nas ideias de Bachelard (1974) e Freud (1973) onde a poesia parece se constituir em um fio de comunicação entre o consciente e o inconsciente, entre os desejos e os seus instrumentos de repressão, entre a profundidade e a superficialidade mental, entre o selvagem e o civilizado, entre a intuição e a razão, que deveria estar presente em todos projetos arquitetônicos.

2 PARA ABRIR O ESPÍRITO

A habitual concentração dos arquitetos nos aspectos objetivos do processo de projetar demanda uma postura de abertura intelectual, a fim de que as reflexões aqui trazidas não sejam alvo de preconceitos e possam, de fato, alcançar seus objetivos. Com a finalidade de preparar os espíritos em relação às questões subjetivas da arquitetura, vale observar que:

O filósofo intelectualista que quer manter as palavras na precisão de seu sentido; que toma as palavras como mil ferramentzinhas de um pensamento lúcido, não pode deixar de espantar-se diante das temeridades de um poeta. Entretanto, um sincretismo da sensibilidade impede que as palavras se cristalizem em sólidos perfeitos. Uma ambivalência nova permite à palavra entrar não só nos pensamentos, mas também nos devaneios. A linguagem sonha (BACHELARD, 1974, p. 451).

O mesmo autor ressalta a importância da manipulação adequada das formas curvas, com atributos dotados de afetividade, e das formas retas e angulares, de caráter frio e racional:

Figura 02. Buenos Aires, Argentina

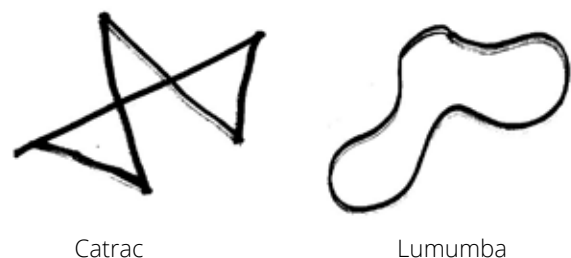


Fonte: AUTOR, 2007.

O espírito crítico nada pode fazer contra isso. É um fato poético que um sonhador possa escrever que uma curva é “quente”... Que fazemos demais se dizemos que um ângulo é frio e uma curva é quente? Que a curva nos acolhe e que o ângulo agudo nos expulsa? Que o ângulo é masculino e a curva feminina? Um nada de valor muda tudo. A graça de uma curva é um convite a habitar. Pode-se fugir dela sem esperança de retorno. A curva amada tem os poderes do ninho; é um apelo à posse, ela é um canto curvo. É uma geometria habitada. Nela, estamos num mínimo do refúgio, no esquema ultra simplificado de um devaneio do repouso. Só o sonhador que percorre caminhos arredondados para contemplar conhece essas joias simples do desejo desenhado (BACHELARD, 1974, p. 451).

As formas parecem ter propriedades visuais que são muito utilizadas por designers e comunicadores visuais, mas ainda pouco exploradas pelos arquitetos. Têm, até mesmo, propriedades sonoras como mostram as duas imagens da Figura 3. Uma delas chama-se “lumumba” e a outra, “catrac”. Serão poucos os indivíduos que associarão a imagem da direita ao nome “catrac” ou a da esquerda ao nome “lumumba”. Essa associação entre imagem e som, se repetiu invariavelmente, durante 35 anos, quando se pedia aos estudantes que frequentaram a disciplina de Projeto Arquitetônico 5 do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, que identificassem o nome das imagens constantes da Figura 3.

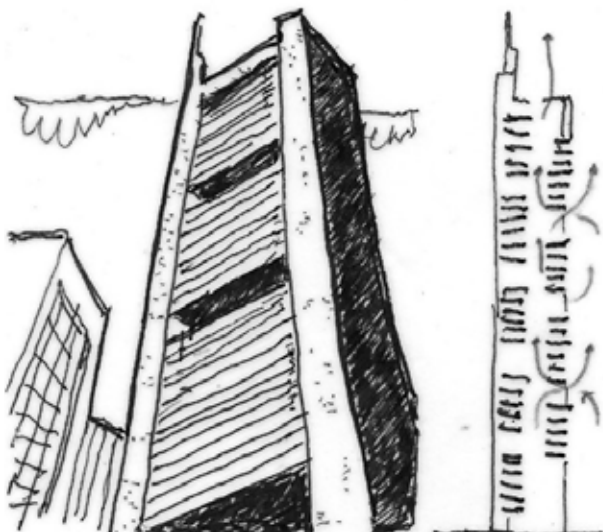
Figura 03. Associação entre características formais e propriedades sonoras.



Fonte: AUTOR, 2001.

Nos últimos anos tem-se buscado redefinir o papel da arquitetura, resgatando-se a responsabilidade social e ambiental dos arquitetos com base nas novas tecnologias ambientais disponíveis. Surgem as chamadas arquiteturas bioclimáticas, sustentável, tectônica e outras mais. Todas com uma postura crítica em relação ao que se produzia, e ainda se produz, em termos de arquitetura, independente da escala da edificação. Todas essas tendências, contudo, apresentam propostas focadas em algum setor do conhecimento arquitetônico: eficiência energética, conforto ambiental, estética arquitetônica, tecnologia construtiva, etc. A Figura 4 mostra o edifício do Commerzbank, em Frankfurt, cuja volumetria e espacialidade são consequências de sofisticadas estratégias de eficiência energética e sustentabilidade, adotadas na concepção do projeto. A Figura 5 exibe uma pequena residência cujo projeto obedeceu a simples princípios bioclimáticos. A expressão plástica e fluidez espacial são consequências da adoção desses princípios e estão baseadas na intenção de promover uma intensa integração dos espaços internos e externos. Essa integração é privilégio de edificações localizadas em regiões equatoriais com climas quentes e úmidos.

Figura 4. Edifício do Commerzbank, em Frankfurt.



Fonte: AUTOR (2016)

A compreensão de que sendo a arquitetura produzida pelo homem e para o próprio homem ficará compartimentada toda vez que não houver uma abordagem abrangente e integrada do ser humano. Sob esse prisma, a definição clássica da arquitetura como sendo o abrigo contra os rigores do clima, precisa ser ampliada considerando também o espaço como abrigo das necessidades oníricas, simbólicas e psíquicas do homem. E entre essas necessidades subjetivas encontram-se a arte e a poesia.

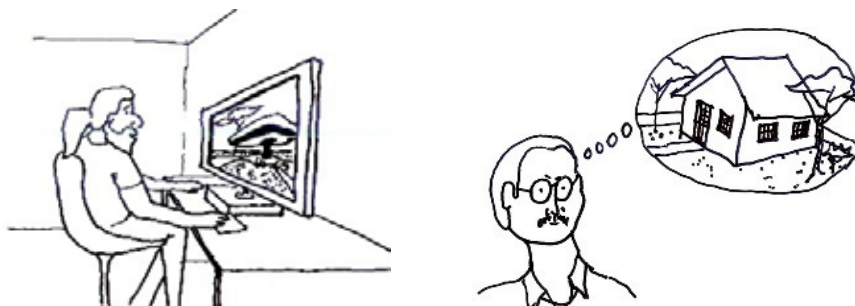
Ao que parece, no entanto, essas necessidades raramente são contempladas nos projetos contemporâneos. A intenção de contemplar os genuínos desejos dos clientes não está na pauta dos projetistas. Ao contrário, na maioria das vezes, é o desejo do próprio arquiteto que conduz o processo. Em parte, porque o acesso aos próprios desejos parece ser privilégio daqueles que se submeteram à psicanálise. Via de regra, os desejos não se encontram presentes nas mentes dos arquitetos, dos estudantes de arquitetura e, menos ainda, nas daqueles que procuram os serviços de um arquiteto (AUTOR, 2002 p. 153).

Figura 5. Residência em Maceió.



Fonte: AUTOR (2001)

Figura 06. Nem sempre os desejos e demandas dos arquitetos e usuários coincidem.



Fonte: AUTOR (2002).

Além disso, a complexa gama de valores imbricados na construção de uma obra arquitetônica (custos, segurança, privacidade, funcionalidade, tecnologia construtiva etc.) empurra a poesia arquitetônica para um espaço secundário. O curioso, entretanto, é que quando ela está presente, é saboreada com intenso prazer (Figura 7).

Figura 7. Catedral de Brasília.



Fonte: AUTOR (2016)

Nesse sentido, mais que estabelecer novos cânones para uma arquitetura adjetivada, seria de fundamental importância compreender as necessidades humanas como um todo, tendo como base a satisfação das necessidades metabólicas e materiais, sem esquecer, entretanto, as necessidades psíquicas dos usuários das edificações.

3 A BASE MATERIAL

Uma das falhas mais frequentes no debate sobre as teorias e estéticas arquitetônicas é o tratamento dado ao problema da relação do ser humano com a realidade concreta e com a beleza. A quase totalidade da literatura sobre esse assunto possui essa limitação, uma vez que tende a separar o processo estético do resto da experiência humana, como se tratasse de um problema de

pura lógica. Continua-se discutindo os impactos provocados pelos edifícios sobre os indivíduos como se os mesmos fossem produzidos apenas por fenômenos visuais:

A Arquitetura – assim como o homem – está totalmente submersa no meio ambiente natural. Não pode nunca ser apreciada, sentida, experimentada de nenhuma forma fora de sua multidimensional totalidade. Qualquer mudança em um aspecto ou qualidade deste meio ambiente, inevitavelmente afeta nossa percepção e nossa resposta para o resto dos fatores envolvidos na questão. O reconhecimento desse fato é crucial para a teoria estética, e está acima de todas as estéticas arquitetônicas (FITCH, 1976, p. 1)

Aparentemente, o relacionamento do homem com o espaço se dá em dois níveis: o metabólico e o perceptivo. Os dois estão indissolivelmente conectados, sendo o nível metabólico a base material da consciência (FITCH, 1976, p. 2). O conforto humano é de fundamental importância para o usuário de qualquer espaço arquitetônico. Mais do que isto, é condição indispensável para que a fruição estética possa se manifestar em sua total intensidade. Não seria prejudicada a apreciação de um filme em um cinema que tivesse com o sistema de ar condicionado sem funcionar? Por outro lado, um ambiente apenas confortável não satisfaz todas as necessidades humanas.

A retomada dos princípios arquitetônicos que procuram integrar a cidade e o edifício no meio ambiente onde encontram-se inseridos, passou a ter um destaque especial nos meios de comunicação especializados em arquitetura e urbanismo (periódicos, livros, seminários, etc.) com reflexos na produção arquitetônica vigente.

As inquietações bioclimáticas e a preocupação em propiciar uma otimização da relação homem-clima crescem em sua difusão aproveitando-se da crise energética mundial, do esvaziamento dos princípios da arquitetura pós-moderna e da falência do *International Style* (que pregava a universalização da arquitetura, não importando em que local do planeta o edifício se localizasse). A preocupação com a sustentabilidade ambiental parece ser a bola da vez que está presente em vários setores da atividade humana, incluindo a construção civil.

O desenvolvimento de uma arquitetura mais sustentável, aliando conhecimentos vernáculos às avançadas tecnologias disponíveis encantou e ainda encanta, uma boa parte dos arquitetos pelo potencial, ainda pouco explorado, que esse tipo de concepção encerra em seu bojo.

Aqui o conhecimento dos homens, de suas necessidades fisiológicas e culturais, passa a ter relevância dentre os condicionantes principais do partido arquitetônico.

Ao mesmo tempo, o conforto ergométrico passa igualmente a ser considerado como fundamental, em particular no que se refere à adequação das dimensões dos componentes arquitetônicos e suas relações com os usuários locais. Também aqui as dimensões “universais” do Modulor de Le Corbusier não se apresentam mais como válidas. Vive-se a época da adaptação do edifício ao seu entorno ambiental e ao homem que o utilizará. E não mais da natureza e do homem ao edifício.

Entretanto, o radicalismo natural que toda tendência emergente encarna, é responsável, em boa parte, pelas distorções que já se fazem notar em algumas obras arquitetônicas classificadas como sustentáveis. Aqui as melhores formas são aquelas que dão melhor rendimento energético. As melhores aberturas são aquelas que captam melhor os elementos do clima para otimizar o desempenho térmico e luminoso da edificação. A beleza plástica e o desfrutar de uma bela vista passam a ser encarados como “frescuras estéticas”.

Certa vez, conheci um indivíduo que “morava” num cubículo de aproximadamente dez metros quadrados. Esse sujeito possuía um aparelho de som de boa qualidade e grande potência (sei disso porque o som que ele produzia acordava a vizinhança todos os sábados às sete horas da manhã), e de uma discoteca razoável em termos quantitativos. Nos fins de semana, passava o dia ouvindo música, cantando e tomando umas e outras com os amigos do cortiço onde morava. O que levaria esse homem a comprar discos e um equipamento de som tão caro quando lhe faltavam tantas outras coisas “mais importantes”? O que nos leva a cometer a “loucura” de comprar uma pintura caríssima? Ou de varar a noite lendo um livro apaixonante “na hora de dormir”? Ou o que leva milhões de pessoas a ouvirem música, lerem livros, irem ao cinema e ao teatro? Certamente são as “frescuras estéticas”.

A procura de uma arquitetura realmente adaptada ao homem deverá observar que, embora os princípios e diretrizes sugeridos pela tectônica possam se refletir em edifícios interessantes ou, ainda, que os conceitos de sustentabilidade sejam bases fundamentais para sobrevivência

do ser humano na Terra, estas não esgotam as necessidades humanas. Vão mais além. O ser humano precisa sonhar, ter fantasias, sentir prazer. Precisa conversar com o universo, se relacionar intensamente com ele. O homem tem medos e paixões, sente alegrias e tristezas. Sente saudade e ternura, se emociona. O ser do homem vai mais além. Vai de encontro à arte e ao espaço da poesia. Procura a poesia do espaço.

4 POESIA, IMAGINAÇÃO E SIMBOLISMO

Na poesia a loucura é sadia. O compositor Paulo Vanzolin pôde dizer, através das palavras de uma de suas músicas, que “andou sobre as águas como S. Pedro, e como Pôncio Pilatos foi aos ares sem medo”, sem precisar explicar que não estava louco. Ao contrário, muito sadio, compreendia a forma de se comunicar poética e simbolicamente com seus ouvintes. Salvador Dali pintou quadros de onde saiam membros humanos e este delírio foi compreendido, através de mecanismos simbólicos, por aqueles que tiveram o prazer de observar essas imagens. A psicanálise reconhece que:

...também no exercício da arte uma atividade encaminhada a mitigação de desejos insatisfeitos, e isso, tanto no artista criador como logo no espectador da obra de arte. As forças impulsoras da arte são aqueles mesmos conflitos que conduzem outros indivíduos à neurose e fizeram com que a sociedade fosse levada a criar suas instituições (FREUD, 1973, p. 1864).

Ainda segundo Freud (1973, p. 1865), “o artista busca, em primeiro lugar, a sua própria liberação e consegue comunicando sua obra àqueles que sofrem a insatisfação de desejos iguais”. Isto caracterizaria o que ele chamou de transjetividade, ou seja, a subjetividade de uma pessoa tocando a subjetividade de outra. A teoria psicanalítica sustenta que a arte constitui um domínio intermediário entre a realidade, que nega a satisfação de nossos desejos mais íntimos, e o mundo da fantasia (imaginário), que nos proporciona a satisfação desses desejos (FREUD, 1973, p. 1865). Como uma cultura é formada, entre outras coisas, por instituições que se relacionam com os desejos reprimidos de uma determinada sociedade, é fácil compreender porque indivíduos que partilham culturas similares possam se identificar melhor a nível artístico.

Para que haja uma perfeita percepção poética, o sujeito precisa se desvencilhar, nem que seja por um instante, da objetividade racional com a qual costuma tudo compreender. “Num único verso,

ou pintura, tanto psiquismo poderá se transferir a um objeto, que um leitor preso a objetividade, verá nele não mais que uma alucinação: “A porta me pressente, ela hesita” (BACHELLARD, 1974, p. 500). A arte enquadrada dentro da estética formal pode dar a sensação de equilíbrio, de ordem, de bom comportamento, sem despertar, no entanto, nenhuma emoção nem tampouco possuir carga poética alguma. Segundo Bachelard (1974, p. 334), a imagem poética é um súbito relevo do psiquismo. E a poesia “é um compromisso da alma, e, em sua função maior, nos faz reviver a situação dos sonhos”.

A imaginação é o passaporte para os sonhos. Através dela entra-se e sai-se de todo e qualquer delírio que a oportunidade sugerir. É por natureza, o lugar da criação e a fonte da poesia, embora não seja ela mesma. É através do imaginário que as coisas se revestem de sentido (BACHELLARD, 1974).

Um único objeto poderá ter várias significações em si mesmo. Os gregos acreditavam que a beleza de uma escultura estava na própria escultura, sendo fruto de suas proporções, materiais, texturas, etc. Não é difícil perceber, no entanto, que vários indivíduos poderão entender significações diferentes em um mesmo objeto. Nesta ótica, pode-se concluir que o que daria significado às coisas seria o sujeito e não mais o objeto em si. A centralidade, neste último caso, estaria localizada no sujeito. No entanto, um mesmo sujeito poderá observar e sentir um mesmo objeto de formas as mais variadas possíveis, dependendo da relação que se dê entre ambos. A relação de um homem com sua casa é o que revestirá de sentido os espaços que ele habita. “A casa e o universo não são simplesmente dois espaços justapostos. No reino do imaginado transcende o espaço geométrico. As experiências de vida são referências constantes” e “todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova” (BACHELLARD, 1974, p. 358).

A imaginação se constitui no mecanismo mental através da qual o ser humano dá vazão aos seus desejos reprimidos. Os sonhos e devaneios (mesmo os poéticos) parecem ter origem na imaginação. São mecanismos de compensação das frustrações a que os indivíduos são submetidos, e que usufruem da imaginação em todo o seu potencial criativo. Para a imaginação não existem limites. Um sujeito negro pode aparecer loiro e um anão pode atingir dois metros de altura. Um filho

pode matar o pai e se casar com a própria mãe. Um pobre pode se tornar milionário e uma pessoa rica se encontrar mendigando na porta de sua própria empresa. Pode sentir, pelo mesmo mecanismo, a carícia do vento nos cabelos e beijo quente do sol na pele. O poeta é alado. A ele as leis não se aplicam. Pode ser serpente e ser fruto, mudar de forma e de cor, mudar de cheiro e sabor. O poeta mergulha na fantasia, flutua na poesia. O poeta é:

A ave que voa nua
Sob a tênue luz do luar,
Calmamente, voa e flutua
Pelo simples prazer de voar.

(AUTOR, 2005)

As vivências são marcas indeléveis que se fazem presentes na relação das pessoas com os espaços que habitam. Elas se manifestam através do imaginário delas e dos símbolos por elas criados. Encarando-se o símbolo como elo intermediário entre a imaginação e a realidade não é difícil perceber que nele se operam “associações psicológicas, psicanalíticas e poéticas” com a consequente transposição para objetos, de sentimentos humanos. Sendo o símbolo fruto do sentimento adquirido através da relação do sujeito com o objeto, vê-se que ele transcende o objeto. Neste particular é curioso se observar que um mesmo espaço pode adquirir caracteres opostos, dialéticos. Bachelard (1974, p. 395) cita o exemplo da choupana (simbolizando o simples, o rústico) e do castelo (representando o complexo, o refinado), como desejos opostos coexistentes dentro de cada sujeito e pergunta: “Quem de nós não tem suas horas de choupana e suas horas de palácio?”

O papel dos elementos simbólicos na relação do homem com o mundo foi explorado por Carl Gustav Jung (1964). O resultado desse trabalho está condensado num livro organizado por Jung, com a participação de vários colaboradores. A publicação, intitulada “O Homem e Seus Símbolos” (JUNG, 1964), inclui um capítulo sobre o simbolismo nas artes plásticas, de autoria de Aniela Jaffé, onde consta que durante vários períodos da história, a “mandala”, elemento gráfico com grande carga simbólica, serviu de base para a construção de edifícios e para o traçado do desenho urbano de várias cidades.

O pintor Paul Klee observou que um “objeto pode expandir-se além dos limites de sua aparência pelo conhecimento que temos de que ele significa mais do que o vemos exteriormente, com nossos

olhos" (*apud* JUNG, 1964, p. 254) e Jean Bazaine afirmava que "um objeto desperta o nosso amor simplesmente porque parece ser portador de forças maiores que ele mesmo" (*apud* JUNG, 1964, p. 254). A partir dessas afirmativas, Jung (1964, p. 254) observa que o "espírito que se encontra animando as obras de arte, nada mais é que nosso inconsciente", uma vez que o ser humano tende a preencher o inexplicável e o imponderável com o seu inconsciente.

A carga simbólica passa a ser mais intensa quando a imaginação flutua, solta nos devaneios, até alçar voo rumo à poesia. Embora o passado e as experiências individuais possam ser as mais diversas possíveis é no canal poético que elas se fundam e se identificam como sensações universais (quem sabe?), acima das culturas e da razão. A "imagem poética" é o ponto crucial do efeito que a poesia produz. Não importa o sujeito nem o objeto em si, mas a imagem resultante da relação entre ambos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE POESIA E ARQUITETURA

Pelo acima exposto, percebe-se que a poesia utiliza o simbolismo, ou seja, a identificação e/ou transposição de sentimentos para objetos para, através da imaginação, carregar de valor emocional as relações que se dão entre os indivíduos e o mundo no qual se encontra inserido, criando uma imagem poética. Portanto, na relação do homem com os espaços que utiliza para morar, trabalhar, se divertir e sonhar, a carga simbólica estará sempre presente. Tanto no sentido das coisas que lhe dão prazer como das que lhe causam desprazer. São comuns observações do tipo "não sei o que tem esse lugar que me perturba tanto". Ou ainda, "gosto muito desse canto da sala".

A teoria psicanalítica considera que a casa possui um simbolismo de útero. É o abrigo que nos protege, nos dá segurança tanto física como psicológica. De certa forma, os outros edifícios também possuem esse símbolo de abrigo embora de forma menos intensa. Muitas vezes, os arquitetos não compreendem porque algumas pessoas querem suas casas "excessivamente" seguras, com espessas esquadrias, grades enormes e paredes reforçadas. Não compreendem como uma simples goteira pode despertar sentimentos de vulnerabilidade e de insegurança significativos, nem como um pergolado pode suscitar imagens de integração entre o homem e a natureza. Essas seriam necessidades simbólicas

de ordem psicológica. No entanto, mais que abrigo físico e psicológico, a arquitetura precisa ser o abrigo dos sonhos; o espaço onde o devaneio encontra lugar para existir, onde a imagem poética pode se fazer plena. Onde a estrutura física do edifício e a da cidade possam conversar, ser cúmplices de seus habitantes, intermediados pelo fato poético. Só aí a obra deixará de ser construção para atingir o estágio de arquitetura. A matéria inerte canta e se insinua aos usuários dos espaços arquitetônicos, ora sensuais, ora feéricos, às vezes místicos, às vezes monumentais.

Gaston Bachelard (1974, p. 395) observou que "a casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos. Cada um desses redutos foi um abrigo de sonhos. E o abrigo muitas vezes particularizou o sonho. Nela aprendemos hábitos de devaneios particulares". Para ele, "a casa, o quarto, o sótão em que estivemos sozinhos, dão os quadros para um devaneio interminável, para um devaneio que só a poesia poderia, por uma obra, acabar, perfazer. Se damos a todos esses refinamentos a função de sonhos, podemos dizer que existe para cada um de nós uma casa onírica", e lembra que "é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos". Pode-se refletir sobre a imagem poética que em nós desperta caminhos. As imagens suscitadas pelos caminhos estreitos e tortuosos são completamente diferentes daquelas proporcionados pelas largas avenidas. Os caminhos diariamente percorridos que aos poucos vão se modificando; onde a cada dia uma construção pesada esmaga uma árvore e recorta um pedaço do céu.

As envasaduras também possuem uma carga simbólica grande. Não seriam as janelas, os olhos da construção? Através delas vê-se o mundo, aprecia-se o percurso da lua, recebem-se os raios de sol em períodos úmidos. Pode-se cerrá-las quando se deseja usufruir de momentos íntimos. Ao despertar, abrem-se as "janelas" para ver a luz da manhã. Como nas palavras do poeta, pode-se conceber:

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tetos.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar, luz, razão certa.

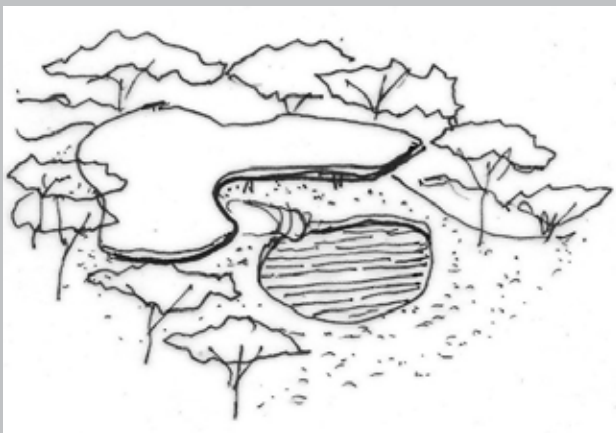
(MELO NETO, 1985)

As diferentes formas afetam os indivíduos de forma diferente. A curva parece ser emocional e quente, aconchegante e sensual. O ângulo agudo sugere agressividade, frieza, racionalidade, incisão. A reta induz a sentimentos de serenidade e precisão, de firmeza e determinação. Entretanto, esses elementos, isoladamente, não

passam de repertórios que só adquirem sentido quando constituintes de uma linguagem maior (ver Figuras 8 e 9). Uma linguagem simbólica capaz de transmitir uma imagem onírica: a poesia arquitetônica, importantíssima, e, apesar disso, relegada a um plano secundário pela maioria dos arquitetos.

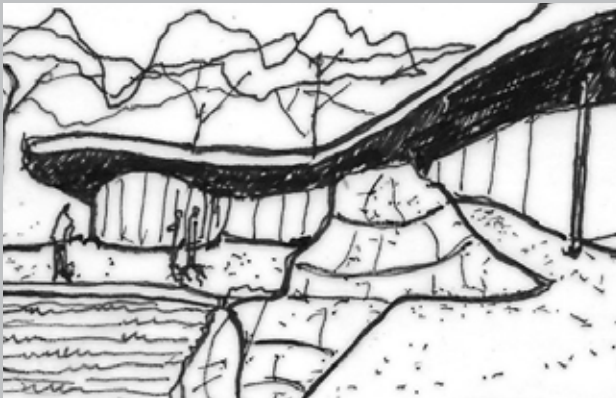
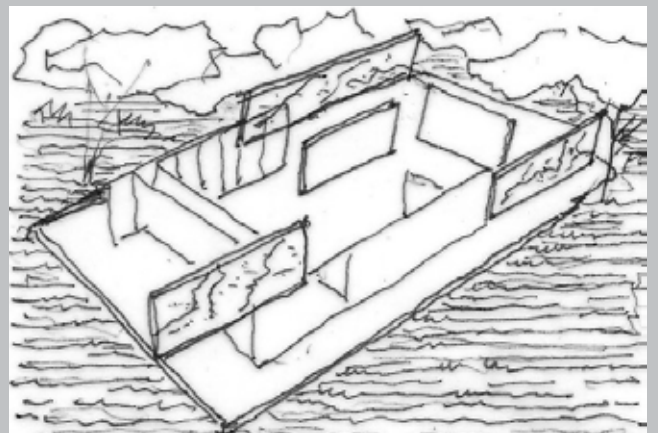
CASA DE CANOAS - Oscar Niemeyer

Figura 8. Casa de Canoas, predominância de formas curvas.

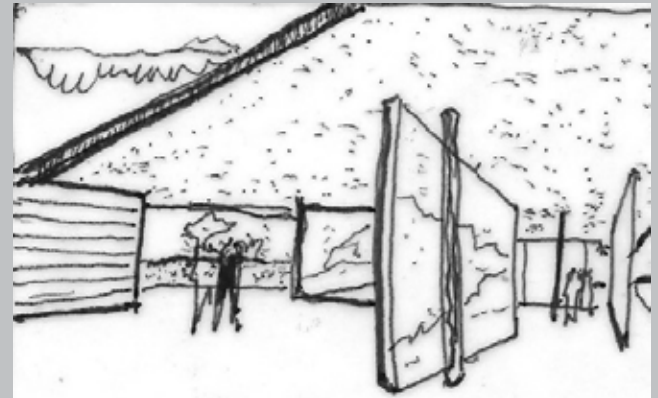


CASA BARCELONA - Mies van der Roë

Figura 9. Casa Barcelona, predominância de linhas retas



Fonte: AUTOR, 2016



Fonte: AUTOR, 2016

No entanto, há que se estar sempre atento para as advertências lançadas por James Fitch, enfatizadas no início deste texto: é de fundamental importância encarar o fenômeno arquitetônico dentro de sua multidimensional totalidade, da qual a arte e a poesia são importantes elementos.

Aqui procurou-se caminhar a partir de uma base material rumo a importância da inclusão da necessidade poética dentre as principais condicionantes do partido arquitetônico. Como as condicionantes da área física da arquitetura já se encontram bem trabalhadas, optou-se por explorar mais a fundo alguns aspectos subjetivos e imateriais da arquitetura.

Por tudo que foi exposto nas páginas anteriores, acredita-se ser fundamental que os espaços arquitetônicos despertem em nós a poesia latente que todos temos e que em nome de uma cultura “científica” e racional permanece reprimida. A reflexão sobre a produção do espaço arquitetônico buscando atingir o homem em sua totalidade, pode crescer no sentido de se construir uma arquitetura mais próxima das íntimas necessidades humanas e mais distante de modismos superficiais

e passageiros. Poderá, então, ser fartamente diferenciada como são as pessoas, sem as rédeas de princípios reguladores e normas pré-estabelecidas.

Pretendeu-se, com este texto, apenas lançar uma semente (provocativa, com certeza), sem esquecer que dentro de toda semente existe uma flor, que espera, sem pressa, que a semente germine, que a planta amadureça, até que surja o momento de exhibir sua delicada beleza.

6 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro, Ed. Abril Cultural, Coleção: Os Pensadores, 1974, p. 451.

BITTENCOURT, Leonardo. Meu, seu ou dele? O desejo no projeto de Arquitetura. In *A casa nossa de cada dia*. Luiz Amorim e Lúcia Leitão Eds., Recife: EDUFPE, 2002.

FITCH, James Marston. *American building. The environmental forces that shapes it*. New York, Shocken Books, 1976, 2ª ed. p. 1.

FREUD, Sigmund. *Multiple interés em psicanálisis*. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, 3ª ed. p. 1864 e 1865.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos* – Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1964, 7ª ed. p. 254.

MELO NETO, João Cabral de. Fábula de um arquiteto. *Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo, Global Editora e Distribuidora Ltda. 1985, 4ª ed. p. 189

NOTA DO EDITOR (*) *O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).*